

Faca sem ponta, galinha sem pé:
questionamento das relações de gênero em Ruth Rocha
Cuchillo sin punta, gallina sin pie:
cuestionamientos de las relaciones de género en Ruth Rocha

Divaneide Ferreira da SILVA¹
Jéssica Sabrina de Oliveira MENEZES²

Resumo: O presente estudo procura especular a condição da literatura infanto-juvenil no seu diálogo de (des)continuidade com a tradição, através da análise da obra *Faca sem ponta, galinha sem pé* (1983), de Ruth Rocha. Nesse sentido, pretendemos atentar para o questionamento das relações de gênero e, portanto, da formação cultural do indivíduo. Para tanto, filiar-nos-emos ao pensamento de Abramovich (1995), Bettelheim (1996), Cadermatori (1994), Facina (2004), Haug (s/d), Laraia (1988) e Zilberman (2006). No entanto, é o discurso ficcional de Ruth Rocha que nos serve de norte principal.

Palavras-chave: Literatura infantil. Tradição e ruptura. Relações de gênero.

Resumen: El presente estudio busca especular la condición de la literatura infanto-juvenil en su diálogo de (des)continuidad con la tradición, a través del análisis de la obra *Faca sem ponta, galinha sem pé* (1983), de Ruth Rocha. En ese sentido, se pretende atentar para el cuestionamiento de las relaciones de género y, por lo tanto, de la formación cultural del individuo. Para ello, esta investigación se basa en los estudios de Abramovich (1995), Bettelheim (1996), Cadermatori (1994), Facina (2004), Haug (s/d), Laraia (1988) y Zilberman (2006). Sin embargo, es el discurso ficcional de Ruth Rocha que nos sirve de norte principal.

Palabras clave: Literatura infantil. Tradición y ruptura. Relaciones de género.

Introdução

Este estudo procura debruçar-se sobre a obra *Faca sem ponta, galinha sem pé* (1983), de Ruth Rocha, a fim de especular de que maneira ela repensa a tradição da literatura infantil. Logo, pretendemos focalizar, especialmente, o olhar lançado pela obra sobre as relações de gênero, sobre o processo de construção social ao qual homens e mulheres (meninos e meninas, conforme o texto) estão sujeitos.

Percebemos, então, a necessidade de fazermos um resgate histórico do surgimento do texto para o público infantil e de sua proposta ideológica inicial. Vamos a ele.

O surgimento da literatura infantil se deu, efetivamente, conforme Zilberman (2006), no final do século XVII; e esta obteve grande desenvolvimento durante o século XVIII. Logo, podemos entendê-la como um produto da sociedade burguesa. Isso porque, nesse momento, houve uma espécie de esfacelamento das famílias consanguíneas em favor do surgimento/fortalecimento da família nuclear ou unicelular (composta apenas por pais e filhos). Com o surgimento dessa nova concepção de

¹Graduanda em Letras pela Faculdade São Miguel e professora da rede privada de ensino.

²Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professora da rede estadual de ensino (SEE-PE).

família, houve a valorização da infância enquanto faixa etária diferenciada. Pois, antes disso, a criança era tratada como um adulto em miniatura e, portanto, o tratamento que recebia era o mesmo dos adultos, inclusive participando de todos os eventos dos quais participavam todos os demais que compunham o grupo familiar. Em virtude da modificação no olhar lançado ao público infantil, houve a necessidade de formá-lo de modo diferenciado. Logo, surgiu uma nova concepção de escola e uma produção literária específica para atender às especificidades infantis.

Nesse momento, o texto literário era produzido especialmente por professores e pedagogos, que lhe imprimiam um tom notadamente moralizante. O forte teor educativo, então, se constituía como um instrumento de perpetuação dos valores aceitos socialmente, logo, favorecia a manutenção dos traços culturais. Vale ressaltar que se procurava formar o humano infantil provocando sua identificação com as personagens encaradas como “corretas” (ou “boas”), pois as “erradas” (ou “más”) eram punidas com algum tipo de sanção, em virtude de sua má conduta. Além disso, é importante lembrar que os textos surgidos com esse propósito não costumavam se preocupar com o estatuto artístico ao qual a literatura infantil, sobretudo enquanto objeto estético, deveria responder.

Podemos afirmar, por outro lado, que o texto em estudo, *Faca sem ponta, galinha sem pé*, dialoga com a tradição no intuito de traduzi-la, pois – em vez de perpetuar o tom moralizante – promove a reflexão (além de não perpetuar a ideia maniqueísta da realidade), por meio do questionamento das relações de gênero. Nesse sentido, concordamos com Lígia Cademartori (1994, p. 23), que afirma:

a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento (grifo nosso).

É justamente a possibilidade de autonomia do ser, em vez da repetição de padrões postos, que é promovida pela obra de Ruth Rocha, objeto desse estudo.

Questionamento das relações de gênero em *Faca sem ponta, galinha sem pé*

O texto em questão trata das confusões vividas por Joana e Pedro, dois irmãos que viviam discutindo a respeito do que seria ou não permitido a meninas e não a meninos, e

vice-versa. Joana queria fazer coisas como jogar futebol e subir em árvore, mas Pedro afirmava que isso era “coisa de menino”, como se percebe no seguinte fragmento:

Pedro pegava a bola para ir jogar futebol, lá vinha Joana:
- Eu também quero jogar!
Pedro danava:
- Onde é que já se viu mulher jogar futebol?
- Ué, toda hora eu vejo! Tem até jogo de artista de televisão! E mesmo que não visse... Uma vez é a primeira!
- Eu é que não vou levar você! O que é que meus amigos vão dizer?
- E eu estou ligando pro que seus amigos vão dizer?
- Pois eu estou. Não levo e pronto!
Joana ficava furiosa, batia as portas, chutava o que encontrasse no chão, fazia cara feia.
Dona Brites ficava zangada:
- Que é isso, menina? Que comportamento! Menina tem que ser delicada, boazinha...
- Boazinha? Pois sim! – respondia Joana de maus modos (ROCHA, 1983, s/p).

Por outro lado, quando Pedro chorava ou tomava mais cuidado com a beleza, Joana zombava: “– Olha a mulherzinha! Como está vaidoso...” (ROCHA, 1983, s/p).

É possível ler nessas atitudes que socialmente criamos padrões que engessam as atitudes de homens e de mulheres. Desde a infância nos formamos acreditando que isso é natural, quando, na verdade, é um processo construído, ou seja, diz respeito à cultura na qual estamos inseridos. A esse respeito é importante ressaltar que “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo” (BENEDICT, *apud* LARAIA, 1988, p. 69). Isso nos leva a pensar que nossa maneira de ver o mundo é apenas uma maneira possível, não a única. É possível crer que os questionamentos dos padrões postos levam o público infantil a refletir sobre as atitudes que tomam e sobre os padrões nos quais tendemos a engessar nossas ações e as alheias, a fim de reproduzirmos comportamentos aceitos socialmente.

No entanto, os desejos humanos acabam por questionar o já posto. Nesse sentido, o que afirma Bettelheim (1996, p. 20) sobre a relação da criança com os contos de fadas pode ser retomado para entendermos a possível relação desta com a obra em estudo, visto que “enquanto diverte a criança, o conto de fadas [no nosso caso, a obra de Rocha] a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade”. Isso se dá em virtude da postura reflexiva que a leitura propõe. Pois, “o fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural” (LARAIA, 1988, p. 75) e isso pode levar a posturas preconceituosas e sectárias. Por outro lado, o texto apresenta as atitudes diferentes do padrão cristalizado não como uma fuga à norma, mas uma

possibilidade completamente aceitável. Pois, em meio à pedagogia do “isso não pode”, ao voltarem os irmãos para casa, num dia em que havia chovido, encontraram um arco-íris e Pedro teve ideia de “passar por baixo”. Joana pensou no perigo que a proposta poderia representar, mas, como Pedro insistiu, resolveu aceitá-la:

Joana se riu:

– Tia Edith disse que se a gente passar por baixo do arco-íris antes do meio-dia homem vira mulher e mulher vira homem...

– Que besteira! – disse Pedro. – Quem é que acredita numa coisa dessas?

E os dois se deram as mãos e correram, correram na direção do arco-íris. E de repente pararam espantados.

Eles estavam se sentindo esquisitíssimos!

– O que aconteceu? – perguntou Joana.

E a voz dela saiu diferente, parece que mais grossa...

– Sei lá! – disse Pedro.

Mas parou depressa, porque ele estava falando direitinho como uma menina (ROCHA, 1983, s/p).

Após isso, os irmãos (assim como seus os pais) passaram a questionar as “regras” que, de certo modo, ditam as ações permitidas ou não a cada sexo. Pedro passou a ser chamado Pedra e Joana, Joano. Assim, um pôde sentir a arbitrariedade que cerceava as ações alheias e também as suas.

Logo na esquina Pedro, quer dizer, Pêdra, que agora era menina, deu o maior chute numa tampinha de cerveja que estava no chão.

- Vamos parar com isso? – disse Joano. – Menina não faz essas coisas.

- E eu sou menina? – reclamou Pêdra.

- É, não é?

- Ah, mas eu não me sinto menina! Tenho vontade de chutar tampinha, empinar papagaio, de pular sela...

- Ué, eu também tinha vontade de fazer tudo isso e você dizia que menina não podia – reclamou Joano.

- Mas é que todo mundo diz isso – disse Pêdra. – Que menina não joga futebol, que mulher é dentro de casa... (ROCHA, 1983, s/p)

Considerações finais

Percebemos, então, que as ações tidas como masculinas ou femininas não são inatas aos gêneros, mas passam por um processo de construção que, na verdade, é muito mais um processo de repetição destituído de reflexão, visto que simplesmente se repetem ações sem que elas passem por um crivo reflexivo. A respeito disso, segundo Adriana Facina (2004, p.11), podemos afirmar que “cultura não é algo inato, natural nos seres humanos, mas sim alguma coisa [...] cultivada, que é adquirida e que envolve um processo de formação”. Vale pensar nesse processo de formação, inclusive, um processo de castração. Ao homem é quase que negada a possibilidade de vivenciar e expor sua

sensibilidade. À mulher, por sua vez, essa postura é justamente a desejável, pois deve ser “delicada, boazinha”. É justamente esse tipo de pensamento engessado e perpetuado socialmente que a obra de Ruth Rocha nos ajuda a questionar, pois, conforme Frigga Haug (2007, s/p),

o conceito de relações de gênero deve permitir-nos *estudar criticamente* como os sexos servem para reproduzir o conjunto das relações sociais. Em algum sentido, então, tem que pressupor o que é um resultado das relações sociais, ou seja, a existência dos gêneros no sentido reconhecido historicamente como homem e mulher. Sobre a base de uma complementaridade na procriação, (uma base natural), *o que é assumido como ser natural é também formado historicamente*. A partir disso, os sexos saem do processo social como não iguais, e sua não-igualdade se converte no fundamento ou base de futuras formações.

De acordo com o exposto, percebemos que a literatura infantil não deixa de ser formativa, e nesse sentido dialoga com a tradição. Contudo, ela – além de se preocupar em realizar um trabalho diferenciado com a linguagem, que responda a uma necessidade artística do texto – pressupõe não mais uma identificação da criação com a personagem socialmente aceita, em virtude do medo que uma punição pode gerar aos que não são considerados “bons” (ou “corretos”), mas promove o desenvolvimento da criticidade, por meio de uma atividade de leitura reflexiva e coerente com a realidade humana.

Referências

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

HAUG, Frigga. Para uma teoria das relações de gênero. *In*: BORON, Atilio; A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina. **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. São Pulo: Expressão Popular, 2007.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2006.

Recebido em: 06/06/2011

Aprovado em: 21/02/2014

Para referenciar este texto:

MENEZES, Jéssica Sabrina de Oliveira AGUIAR; SILVA, Divaneide Ferreira da. *Faca sem ponta, galinha sem pé: questionamento das relações de gênero em Ruth Rocha*. **Revista FAFIRE**, Recife, v. 3, n. 2, p. 20-24, jul./dez.2010.